Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 837

30 DE MARÇO DE 1902

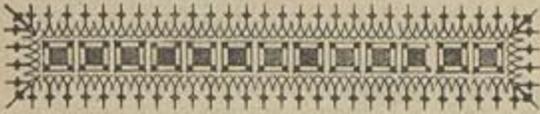
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

INRI

O CALVARIO — Quadro de Grão Vasco existente na Sé de Vizeu

CHRONICA OCCIDENTAL

Sabbado de alleluia é sempre um dia alegre. Em que manhã formosa os sinos repicaram! Até parece que diziam: alleluia! alleluia! Como este nome é luminoso! Como sôa cheio de brilho, depois das trevas!

Encheu-se o ar de musica e os pardaes revoavam contentes no banho azul e d'oiro, por cima das arvores cheias de flores, n'uma atmosphera limpida, n'um mar de perfumes.

Os sineiros, n'essa manhã, vingaram-se de tres longos dias de descanço: quarta feira de trevas, quinta feira santa, sexta feira de paixão.

Até os nomes fazem tristeza, pelas tristezas que recordam.

Passou-se a semana santa, encheram-se as ruas de gente, uns em devota, outros em curiosa peregrinação pelas egrejas.

Era antigamente um dia caracteristico em Lisboa, os homens de casaca, as senhoras de mantilha, todos a pé por essas ruas.

Este anno, as irmandades, por falta de meios, conservaram muitas egrejas fechadas. A concorrencia nas ruas é cada vez menor, em vista da facilidade de communicações para os arredores de Lisboa, onde muita gente vae aproveitar dias feriados consecutivos.

E não deixaram, os que foram de viagem por ahi fóra, de ter razão d'esta vez. A primavera vae formosissima, o campo deve estar agora um encanto depois do rigoroso inverno que atravessámos. Por bocadinhos que a misericordia municipal nos deixa ainda avistar, calculamos que symphonia não tocam, n'este fim de mez, planicies e vallados, mattas e charnecas, fontes abundantes e ninhos entre a folhagem nova.

Tem razão quem poude e n'estes dias foi deslumbrar os olhos em tantas maravilhas.

Não se dá um passo, que uma flor, ou uma ave, ou um murmurar do vento nos não fale da mocidade. Os novos deixam-se embriagar e sorriem, os velhos tambem se embriagam um boccadinho, mas no sorriso dos olhos ha uma lagrima, no da bocca uma prega de saudade. Os novos falam do futuro, os velhos do passado. Uns sonham amores, são como os passaritos que vôam, vestem as mulheres amadas com as côres da aurora. Outros revêem seus amores, são como os cardeaes de Julio Dantas; os vultos que lhes apparecem vestem-se de rôxo, sem o tom alegre d'uma esperança.

Deixal-o. Para uns e outros é bemvinda a primavera, que é vida, pois que a vida n'isto se resume: esperanças e saudades.

O dito é velho e por isso mesmo é verdadeiro, como tudo o que é velho, tudo o que os sonhos aboliu.

Foi-se o inverno, d'esta vez é certo.

Um dos symptomas evidentes é a mudança que se nota na vida theatral em Lisboa. Já pouco se fala de peças novas, acabaram já os casos de sensação, as companhias preparam seus giros pelas provincias e Brazil, o grande Elias pegou na mallinha e foi para Palmella com o seu *Audaz Corsario luso.*

As novidades theatraes já pouco interessam. A ultima noite que despertou, pelo programma do espectaculo, a curiosidade publica, foi a do beneficio de João Rosa, no theatro D. Amelia.

Está no Porto a companhia de Sousa Bastos, chegou do Porto a companhia de D. Maria II, parte para o Porto a companhia de D. Amelia.

Como se vê, com respeito a theatros, o Porto deve andar satisfeito, mais que Lisboa. Em compensação, a magnifica companhia do Taveira está agora dando variadissimos espectaculos no theatro da Avenida.

Affonso Taveira é o director da companhia de declamação, de que fará parte Angela Pinto e que em maio proximo deve partir para o Brazil, contractada pelo emprezario Celestino da Silva.

São tudo, como se vê, noticias de verão.

Fechou S. Carlos. Vão-se os cantores quando chegam as andorinhas.

A epoca deixou poucas saudades e os bilhetes de visita que muitos jornaes enviaram ao sr. Pacini não eram positivamente os parabens pelo cumprimento do programma apresentado quando foi aberta a assignatura. Não se cantaram operas que haviam sido annunciadas, não se apresentaram cantores que se haviam promettido.

Mas, nem por haver fechado S. Carlos, ficará Lisboa sem musica. Teremos opera barata no Colyseu das Portas de Santo Antão, que já annuncia a escriptura de varios artistas estimados em Lisboa.

Não devemos deixar de lembrar aqui que foi devido ao sr. Santos Junior que, o anno passado, nos foi dado applaudir duas operas portuguezas, *A Serrana*, de Alfredo Keil e a *D. Mecia*, de Oscar da Silva.

Lisboa que, no seu amor pela musica, tem feito progressos felizes, teve, ha dias, occasião de applaudir uma de suas maiores glorias, o notavel pianista Alexandre Rey Colaço. Foi um bello concerto o de terça feira no salão do Conservatorio Real, em que o illustre professor foi coadjuvado pela sr.ª D. Ermelinda Cordeiro e pelos srs. Goñi, Burnay, Sá, Palmeiro, Cunha e Silva e pela orchestra da Real Academia de Amadores de Musica, que, sob a direcção do maestro Goñi, tocou a abertura do *D. João*, de Mozart.

Não deixaremos o assumpto das ultimas noites de espectaculo em Lisboa sem nos referirmos ao sarau de *sport*, organisado pelo Real Club Velocipedista de Portugal, em favor da Assistencia Nacional aos Tuberculosos. Realisou-se a festa no Colyseu dos Recreios, sendo muito applaudidos todos os trabalhos de gymnastica e de esgrima.

Ultimos espectaculos. Agora chegou o tempo das toiradas, que, essas sim, são alegres sempre e o que mais costuma enthusiasmar a população de Lisboa. A's vezes é apenas o cartaz que enthusiasma e o espectaculo corre sensaborão. O mesmo succede em toda a Hespanha. O toiro não é consultado, o toiro não lê os reclamos pomposos, o toiro não está pelos ajustes, e nem todos os toureiros são Guerritas capazes de fazer marrar um pedaço de vacca assada.

Ainda assim, quantas vezes, sem toiros, sem cavalleiros, sem capinhas, só porque o sol é esplendido, só porque a viagem foi boa, toda aquella gente assiste alegre á funcção, e applaude, e berra, e ri ás gargalhadas de qualquer peripecia que lhe dá no goto. Que alegrias não despertavam ás vezes as palhaçadas na Praça de Algés!

Quando o sol da primavera dá uma ajuda aos empresarios, nunca elles teem razão de queixa.

O sol! o bom amigo!

Era ver toda essa gente que nos dias da semana santa atulharam os comboios para Cascaes e Cintra e em toda a linha de cintura. Que alegria por todas essas estações, ainda mesmo antes de começar a merenda!... O que não foi depois, quando o vinho fresco lhe deu para trepar!

Aproveitar os primeiros dias lindos de sol!

El-rei e a Rainha sr.ª D. Amelia deram o exemplo, El-rei partindo em viagem pelo mar, e a sr.ª D. Amelia indo Tejo acima até Azambuja.

Depois do tormentoso inverno, com dias seguidos tão sombrios, que até já exaltavam os nervos, entornando melancolias, o sol n'um azul sem nuvens, prateando as aguas, parece que verte a paz sobre o mundo.

Ha uma tranquillidade infinita, um jubilo quieto, em que toda a natureza parece estar sorrindo. Quanto não se espantaria uma olaia toda côr de rosa, um velho ulmeiro todo desvanecido na sua folhagem nova, se lhes fossem dizer que ha luctas entre os homens, que em tamanha paz da natureza os homens, ambiciosos e crueis, continuam a cuidar de guerras.

A cuidar de guerras e a falar de paz!

Ultimos telegrammas dizem que o Presidente Kruger, segundo affirmações d'um afrikander, acceitaria a paz nas seguintes condições: autonomia no Transvaal e no Orange, sob a supremacia da Inglaterra, amnistia completa e indemnisação pelas granjas destruidas, garantia ingleza para um emprestimo boer, direito de manter milicias armadas.

A paz na Africa do Sul! E' no que mais se tem falado desde que principiou a guerra. Tudo são contradicções! Affirma o *Petit Parisien* que Wolseley vai á Africa do Sul com poderes discricionarios para tratar com os boers; affirma o *Matin* que o Rei Eduardo VII não encarregou Wolseley de missão alguma.

Entretanto os boers vão-se batendo e batendo.

Cecil Rhodes, o homem a quem a Inglaterra mais deve a sua supremacia na Africa do Sul acaba de fallecer na Cidade do Cabo.

Não devemos contar entre os nossos amigos o fundador da *Chartered Company*, primeiro ministro da grande Colonia. Obedecendo a seu ideal de grande imperio, foi elle o primeiro causador de todas essas questões suscitadas, ha annos, entre Portugal e Inglaterra, que deram logar ao ultimatum famoso de 11 de janeiro de 1890. No Transval e Orange não terá direito a maiores sympathias. Mas nem os proprios inimigos lhe poderão negar altissimas qualidades de politico e de trabalhador incançavel.

Tambem entre nós morreu um dos homens mais conhecedores de todos os assumptos que se prendiam com a nossa historia e nossos direitos em Africa, intelligencia lucida, infatigavel luctador por uma causa patriotica.

Tito Augusto de Carvalho, ha pouco mais d'um anno nomeado director dos caminhos de ferro ultramarinos, um dos homens mais conhecedores de todos os assumptos do ultramar e, por esse motivo, dos mais illustres funccionarios do ministerio da marinha, deixou em quantos o conheceram uma saudade profunda.

Morreu tambem, depois de prolongada doença, ainda que tão rapido final não fosse agora esperado, o antigo commandante das guardas municipaes, general Queiroz, chefe da casa militar d'El-rei e muito estimado em Lisboa, onde por todos era conhecido. Ainda ha poucos annos, passeava na Avenida em seu formoso cavallo, dando nas vistas a todos pur seu garbo militar. Abateu-se sobre elle de repente a desgraça e o general desappareceu.

A morte é sempre triste para os que ficam.

João da Camara.

JESUS E O SERMÃO DA MONTANHA

«Quando Gesù coll'ultimo lamento
«Schiuse le tombe e la montagna scosse,
«Adamo rabbuffato e sonnolento
«Alzó, la fronte e sovra i piè rizzosse

«Le torbide pupille intorno mosse
«Piene di maraviglia e di spavento,
«E palpitando addimandó chi fosse
«Quel che pendeva insanguinato e sporto.

«Allor che il seppe, alla rugosa fronte,
«Al crin canuto ed alle guance smorte
«Colla pentita man fe danni ed onte.

«Poi si volse piangendo alla consorte,
«E gridò si che rimbombonne il monte:
«Io per te diedi al mio Signor la morte!»

MINZONI — *La morte de Gesù Cristo.*

A ultima pagina do 4.º livro da *Imitação* termina assim: «Se taes fossem as obras de Deus que as facilmente podesse comprehender a humana razão, não seriam admiraveis, nem se poderiam chamar ineffaveis.»

O nosso orgulho revolta se contra tudo que lhe é superior, e quando não descobre meio melhor de esquivar-se á logica da verdade ousa negar as proprias realidades objectivas e deprimir o valor inconcusso do caracter.

Ha porém na historia do mundo um facto que resiste inabalavel a todas as velleidades mentirosas e a todas as tentativas de má fé: a iniciação doutrinal de Jesus Christo!

«A palavra e a vida de Christo, exclamou o philosopho Vacherot, bastam por sua verdade e sua virtude propria; não carecem de maior authenticidade.»

Um outro espirito não menos culto, o insigne John Stuart Mill deixou formulada esta interrogação: «Mas entre os seus discipulos ou entre os seus proselytos, quem seria capaz de inventar as palavras attribuidas a Jesus ou de imaginar a vida e o caracter moral que os Evangelhos revelam?»

Nunca foi visto sobre o planeta que habitamos um ser tão extraordinario como Jesus, de Bethlem; obreiro typico de eventos originaes e deveras Mestre Divino da humanidade imperfeita e peccadora!

Os Brama e os Buda, anteriores a seu natal como os Mahomet posteriores a seu transito, não se depararam aos povos como elle, abatidos no seio de humildade completa e como elle, serenos sob atmosphera limpida de pureza immaculada!

«Eu não vim, dizia Jesus, para destruir a lei e os prophetas, mas para lhes dar cumprimento.»

A's arrogancias ignaras de impostura e aos questionarios cavillosos de escribas e de phariseus respondia lealmente por meio de parabolas luminosas de simplicidade irrefutavel; e por ser convincente sua linguagem modesta e inquebrantavel sua virtude excelsa o perseguiram e odiaram semelhantes interlocutores!

Na impossibilidade de embair com discursos hypocritas aquelle judeu castissimo e cheio de bondade; não podendo pôr em duvida o supremo grau de sua sabedoria infinita, que lhe permittia devassar o segredo occulto de pensamentos reservados e perdoar á mulher adultera sem menoscabo de leis; querendo eliminar da circulação uma figura que os desgostava apesar de não lhes mover hostilidades materiaes, archictetaram o plano tenebroso de sua morte; e como pesava

sobre elles o jugo dos romanos cujas armas victoriosas haviam passeado em triumpho pelas terras da Judéa, suggeriu-lhes a protervia ingenita que era necessario fazer intervir seus dominadores para effeito de execução do plano machinado!

Como lograr satisfazer este proposito perfido?

Foi o que ultimaram sem difficuldades de vulto no tribunal do procurador romano, fundamentando um libello accusatorio de que o articulado principal e decisivo consistiu em arguir Jesus Christo de se haver intitulado rei, delicto imperdoavel para gente de Cesar!

«*O meu reino não é d'este mundo*» asseverou categoricamente o indiciado perante a justiça da terra; e Pilatos, reconhecendo a innocencia do supposto reo, hesitou em entregal-o á morte!

Todavia ao nome de Tiberio, cessaram escrupulos do cobarde e a cruz contou mais uma victima!

Então, em seus tabuaes de supplicio soou a hora de esforço paternal surprehendente e de glorificação de dôr moral intensissima; a hora de perdão do Justo!

Que philosophia de homens, ensinou jámais a perdoar áquelles que se constituem nossos verdugos?

Um tal perdão justifica plenamente esta phrase de Callet: «E' sobre a cruz que Deus acaba de revelar-se» e este asserto deductivo de Rousseau: «Se a morte de um Socrates é de um homem, a morte de Jesus Christo é de um Deus.»

Assim se consummava o drama do Calvario, e assim fôra posta em evidencia a maldade humana!

Já esquecêra a palavra de vida no sermão da montanha e no prodigio de milagres!

A sciencia social não tem fonte mais legitima para responder ao appêllo de homens captivos de necessidade e de abuso criminoso que a linguagem das *Bemaventuranças*, musica sublime e orvalho santo que mitiga soffrimentos e conforta esperanças.

Os philosophos mais justamente celebrados em epocas de paganismo e em seculos de idolatria, nem sequer presentiram o advento d'uma doutrina tão pura em sua nobreza original e tão elevada em seu conceito singello como a do Sermão da Montanha.

Aquelle Platão inconfundivel nos horisontes da mentalidade hellenica, peregrino fulgor espiritual de primeira grandeza em ceos da Grecia classica, aquelle Platão que descrevendo o seu justo opprimido, parece ter adivinhado pelo instincto do genio o epilogo de agonias no madeiro da Cruz, não poude sem embargo da intuição potentissima de suas faculdades creadoras attingir moralmente o grau intrinseco de sensibilidade christã, só possivel a uma alma formada á luz do Evangelho, que havia de constituir herança de gerações futuras!

E se os livros de Platão chegaram até nós em meio d'um côro de homenagens solemnes, é porque paira sobre elles uma como imagem de ideal sublime de justiça offerecendo pontos de contacto e certa analogia com a iniciação mystica de Israel, de cujo prophetismo foi complemento integral a realidade admiravel de Jesus Christo.

As palavras proferidas na montanha são directamente applicaveis a todas as classes sociaes; e nunca se registou entre seres humanos noticia de apostolado tão estranho na fórma simples e tão profundo nas verdades fundamentaes que annunciava.

Com effeito, se um dia se unirem na mesma communhão de pensamento e de vontade todos os membros da familia humana, catechisados pelo inolvidavel sermão, terá cessado com certeza o odio de posições e o ciume de cathegorias que actualmente explicam tantas inimizades irreconciliaveis e tantas luctas porfiadas.

Jesus, enumerando ahi com inteira presciencia de sua divindade as situações afflictivas de padecer, os aggravos injuriosos de mal e os damnos irritantes de injustiça, indicou a patria da *Bemaventurança* como refugio immortal de opprimidos e como gloria eterna de martyres.

No sermão da montanha surge, transfigurado pela expressão ethica do saber maximo o Jesus que no Thabor deixou deslumbrados alguns de seus discipulos.

Se aqui, a excellencia da magestade e a imponencia arrebatadora realçam a individualidade messianica, além, tudo attrahe por uncção mysteriosa, tudo surprehende e deleita por doçura e suavidade.

Tentar analysar a propria clareza, equivale á stulta pretensão de demonstrar o axioma: ninguem duvida em face do que é evidente; e o que naturalmente se impõe á adhesão immediada do espirito, basta enuncial-o para logo ser admittido no tribunal da consciencia.

No discurso da montanha Jesus limitou-se a oito phrases paternaes dirigidas a um auditorio pouco numeroso; e, comtudo, ampliadas depois á humanidade inteira!

Quem póde gabar-se n'este mundo de ter escapado a investidas de qualquer intrigante e de qualquer calumniador, e de não haver sêde de justiça?!

Colloque-se cada um em frente de si mesmo, no fôro intimo, interrogue-se com imparcialidade e veja quantas vezes tem sido completamente feliz, d'essa felicidade que moeda alguma paga!

A humildade, a constancia e a rectidão exemplificadas em vida laboriosa e honrada, são alavanca prodigiosa de alcance perduravel e infallivel, na existencia das sociedades que aspiram á melhor destino.

O sermão da montanha, que positivamente se resume n'uma benção universal de carinho e de amor compadecido, levanta a miseria involuntaria e a dôr não procurada a coopparticipantes desde a terrena morada, na paschoa eternal do Empyreo e no triumpho soberano do bem sobre as insidias da culpa.

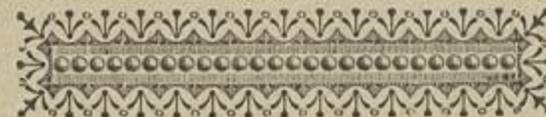
Não é mister o recurso a explosivos condemnaveis para que a aurora de equidade social rompa emfim no horisonte de nosso planeta: n'aquelle discurso divino está encerrada a altissima philosophia do Direito e a regra inviolavel de governação serena.

«*Ecce homo!*» dobremos os joelhos diante da cruz de Jesus Christo: se elle houvera sido um simples mortal, nunca as gerações humanas teriam presenceado o delirio do martyrio renovado sempre, e a agonia das legiões vencedoras em Pharsalia e em Actium não teria cedido o seu logar de honra ao lábaro de ignominia!

«A força, escreveu recentemente José Augusto de Castro, no livro *Gritos*, era a lei. Christo apparece; a voz do amor e da paz começa a ouvir-se, uma vibração melodiosa, até então quasi desconhecida vae passando d'alma em alma.»

Não está aqui apenas o dedo de Deus; é o mesmo Deus que se patentéa em sua misericordia.

Possa a patria portuguza regenerar-se á sombra d'aquella Cruz, com a benção d'aquelle Deus!

D. Francisco de Noronha.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CALVARIO DA SÉ DE VIZEU

Pertence ao numero dos celebrados quadros de Vizeu, attribuidos ao notabilissimo pintor Vasco Fernandes, ou Grão Vasco, esta pintura do Calvario, reproduzida pela nossa estampa.

Esta grande composição é pintada em madeira e admira-se na antiga Sé viziense.

Como é geralmente sabido por quantos se interessam pelo estudo das bellas artes em Portugal, os quadros da Sé de Vizeu são dos mais notaveis do paiz. Por isso nas controversias havidas a seu respeito teem tomado partes os mais illustres criticos artisticos nacionaes e estrangeiros.

No nosso volume de 1895 encontra o leitor a reproducção de outro quadro da cathedral de Vizeu, o S. Pedro, a obra primorosa de Grão Vasco, a que mais tem sido estudada, resultando conferir-se ao seu auctor a mais justa gloria nos dominios não só da arte nacional como na estrangeira.

O quadro do Calvario não desmerece das qualidades do pintor a que se attribue. E' como o S. Pedro, uma pintura digna da admiração que tem despertado.

TITO AUGUSTO DE CARVALHO

Depois d'uma vida cheia de serviços ao seu paiz, falleceu, d'uma affecção cancerosa no figado, o director dos Caminhos de Ferro Ultramarinos e commissario do governo junto da Companhia de Moçambique, Tito Augusto de Carvalho.

Foi exemplar como homem publico. Raras vezes se terá visto intelligencia tão lucida alliada a tanta actividade.

Conhecedor, como poucos, de todos os assumptos ultramarinos, no Ministerio da Marinha em que serviu largos annos, era seu voto consultado em todas as mais graves questões. Prestou muitos serviços á Sociedade de Geographia de que era dos mais illustres membros. Em diversos jornaes e sobretudo ultimamente no *Economista* revelou sua alta competencia tratando assumptos dos mais importantes. Director do *Diccionario de Geographia Universal* em sua colaboração revelou seu profundo saber.

A par da intelligencia, qualidades excepcionaes de coração atrahiam-lhe as sympathias de quantos o conheciam. Modestissimo, não tinha um titulo, uma condecoração; amavel com todos, até os mais pequenos attendia com o mais bondoso sorriso. Ninguem d'elle se approximava que lhe não ouvisse uma palavra boa.

Por isso muitas lagrimas correram quando da nova de seu fallecimento e ao seu enterro concorridissimo todos assistiram com o maior respeito e commoção.

Foi devéras um benemerito, um exemplar de todas as virtudes civicas e moraes.

VISTA DE PARTE
DA CIDADE E PORTO DE LOURENÇO MARQUES

Representa a nossa gravura uma parte da cidade baixa de Lourenço Marques e do seu porto, descobrindo-se n'ella alguns dos estabelecimentos mais importantes da cidade, bem como as pontes de desembarque de passageiros e de mercadorias. Vê se tambem uma porção da margem fronteira, onde estão situadas as bem montadas officinas de Catembe, pequeno arsenal maritimo pertencente ao governo e que, n'estes ultimos annos, tem adquirido uma importancia bastante grande.

Pena é que esta vista, em vez de nos apresentar unicamente duas ou tres pontes, como meios de communicação facil da cidade com o porto, não nos possa já mostrar este com um aspecto de mais progresso, de mais desenvolvimento ou, antes, de mais perfeita accommodação ás modernas exigencias do commercio maritimo, que, em todos os paizes, reclama, e cada vez mais, bons e rapidos meios de embarque e desembarque de passageiros e de mercadorias. Infelizmente, porém, ainda hoje Lourenço Marques não está dotado de muros-caes acostaveis, ou, pelo menos, de boas pontes-caes, que deem satisfação ás reclamações tantas vezes formuladas pelo commercio e pela navegação e, em geral, por todos aquelles que conhecem o valor do seu magnifico e tão ambicionado porto e o quanto nos importa a sua prosperidade.

Agora é que alguma cousa de pratico parece começar a fazer-se definitivamente, pois constanos que se está, por conta do governo, procedendo á construcção de uma ponte-caes de madeira, perto da estação do caminho de ferro, mas, ainda assim, de acanhadas dimensões. Em todo o caso, alguma cousa já é, e bom será que se prosiga no caminho encetado

Fabrica de electricidade «La Catalana»

A Hespanha acaba de embellezar uma das suas capitaes com mais um monumento grandioso, representando um genero de architectura completamente novo.

A fabrica de electricidade edificada em Barcelona representa, realmente um grande avanço na architectura hespanhola, estabelecendo um contacto entre esta arte e um dos ramos da physica que mais desenvolvimento tem tomado n'estes ultimos tempos. Heiden classifica-a de architectura industrial; poderia talvez chamar-se electro-architectura, permittam-me o *neologismo*.

E com effeito, no novo edificio, vemos representado muitos apparelhos electricos universalmente conhecidos. Assim a chaminé da fabrica é construida por forma que da combinação dos seus materiaes diversamente corados, faz recordar as côres dos elementos da pilha de Volta, e n'outros pontos, o modo d'enrolar os fios de cobre das bobinas das machinas magneto-electricas de Gramme.

Muito racional achamos esta nova ideia, devido ao illustre engenheiro hespanhol D. Pedro Falqués e Urpi.

Censuram-no de, na sua grandiosa obra, se não expandir mais na representação de outros apparelhos de electricidade, taes como as variedades infinitas dos tubos de Geissler, garrafas de Leyde, electrometros, condensadores, etc., mas não sejamos exigentes, em demasia; a ideia realmente engenhosa de D. Pedro Falqués e Urpi é já muito para louvar.

Parece-nos racional que o aspecto de uma fabrica productora de electricidade apresente uma architectura appropriada á especie de laboração a que essa mesma fabrica se destina, para que se não produzam certas anomalias, como succede em muitos dos nossos monumentos.

Porque motivo a nossa companhia do gaz, tem um edificio de estylo semi-gothico? Porque razão, tambem a estação central do Rocio, a de maior movimento, apresenta um aspecto de architectura manuelina?

Não queremos dizer que se invente para cada especie de edificios uma architectura diversa e unica, mas o que condemnamos é a reproducção de modelos antigos a monumentos cuja indole nada justifique essa reproducção. O estylo archaico das architecturas, parece-me, não deve justificar-se senão em monumentos de caracter mais ou menos historicos, taes como museus, escolas, etc.

Como todas as artes, a architectura tem tido os seus periodos evolutivos; não seria, pois, coherente que as diversas evoluções porque ella tem passado, fossem o objecto de novas manifestações artisticas?... A preoccupação do archaismo durante alguns annos, tem tido entre os artistas, uma particular predilecção, louvavel até certo ponto, mas que, nem por isso, deixa de ser atrophiadora, e talvez perniciosa ao progresso da arte.

A imaginação fertil de D. Pedro Falqués e Urpi manifestou-se, pois, mais uma vez, indicando-nos um novo modelo de architectura, modelo a seguir em casos analogos.

Quando é, que, em Portugal, teremos occasião de registar uma ideia de tal ordem? Nos edificios modernos construidos em Portugal, predomina em geral, a reproducção do estylo antigo, apenas com algumas modificações de menor importancia.

A visinha Hespanha está, portanto, n'este ponto em manifesto progresso, em relação a Portugal.

Antonio A. O. Machado.

TITO AUGUSTO DE CARVALHO

FALLECIDO EM 22 DO CORRENTE

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 834)

Na orchestra havia uma lampada de incandescencia, de 16 velas, envolvida por um funil reflector, para cada executante, na parte superior da estante, tendo intercalada uma resistencia no seu circuito, na caixa de tympano, por baixo da orchestra, para diminuir a intensidade luminosa, para não fatigar a vista. Ao todo eram 60 lampadas.

Os corredores das diversas ordens e dos vestibulos, as salas do camarote real e de alguns outros camarotes, escriptorios da empreza e do camaroteiro, o restaurant e outros serviços, eram illuminados com lampadas de incandescencia, na totalidade de 173 lampadas.

A ribalta tinha 44 lampadas de incandescencia, sendo 22 de 32 velas e 22 de 16 velas.

As gambiarras, em numero de 9, tinham cada uma 30 lampadas de incandescencia; ao todo 270 lampadas, de vidro branco, para os effeitos de dia, e tinham outras 270 lampadas, com mangas de vidro azul, para os effeitos de noite.

Os tangões, em numero de 12, tinham cada um 16 lampadas, ao todo 192 lampadas. Uns caixilhos moveis, com vidros azues, permittiam produzir effeitos de noite.

No palco scenico, camarotes sobre o palco, camarins, corredores, subterraneos, escadas, urdimento, gabinete da distribuição da electricidade, guarda-roupa, etc., a illuminação era feita por lampadas de incandescencia, perfazendo um total de 211 lampadas.

Na casa das machinas, a leste do theatro, do outro lado da rua Nova dos Martyres (rua Serpa Pinto), havia 30 lampadas de incandescencia.

A fachada exterior do edificio era illuminada por 4 arcos voltaicos permanentes, dois na frente e dois lateraes, com reguladores differenciaes de Siemens, formando dois grupos em tensão.

No salão havia dois arcos voltaicos permanentes, com reguladores differenciaes de Siemens, montados em quantidade.

O serviço da illuminação comportava, portanto, n'esta epocha, 1:451 lampadas de incandescencia, exigindo ao todo uma intensidade de corrente de 766 ampères, e 6 arcos voltaicos permanentes exigindo a intensidade de 69 ampères na totalidade.

Para os effeitos de luar e outros na scena, havia tres projectores, de arco voltaico, um com grande espelho parabolico, regulador de Siemens, de 12 ampères, e dois de lanterna, com regulador de Siemens, de lente plano convexa, de 5 ampères.

As correntes electricas para estes serviços eram fornecidas pelos seguintes geradores:

Machina dynamo-electrica de Siemens, vertical, systema Compound, de 300 ampères de intensidade de corrente e 120 volts de força electromotriz, ou da força electrica de 36:000 Watts. Actualmente apenas dá correntes de 230 ampères e 105 volts ou 24:150 watts. Faz 600 voltas por minuto.

Machina dynamo electrica, de Siemens, Compound, de 600 ampères e 120 volts ou 72:000 watts. Faz 300 voltas por minuto.

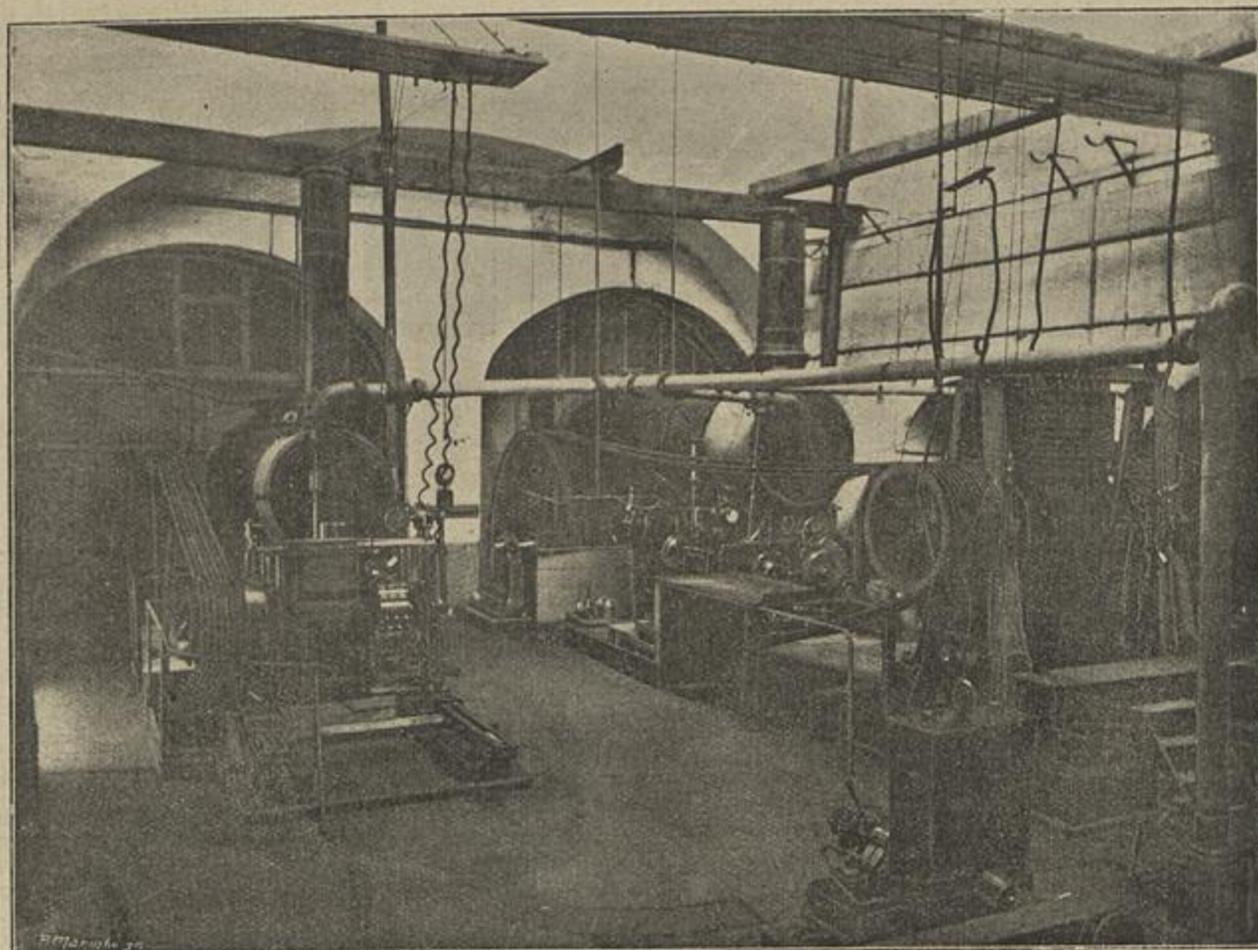
Machina dynamo-electrica de Edison, excitada em derivação, de 140 ampères e 140 volts, ou 19:600 watts. Faz 1:200 voltas por minuto.

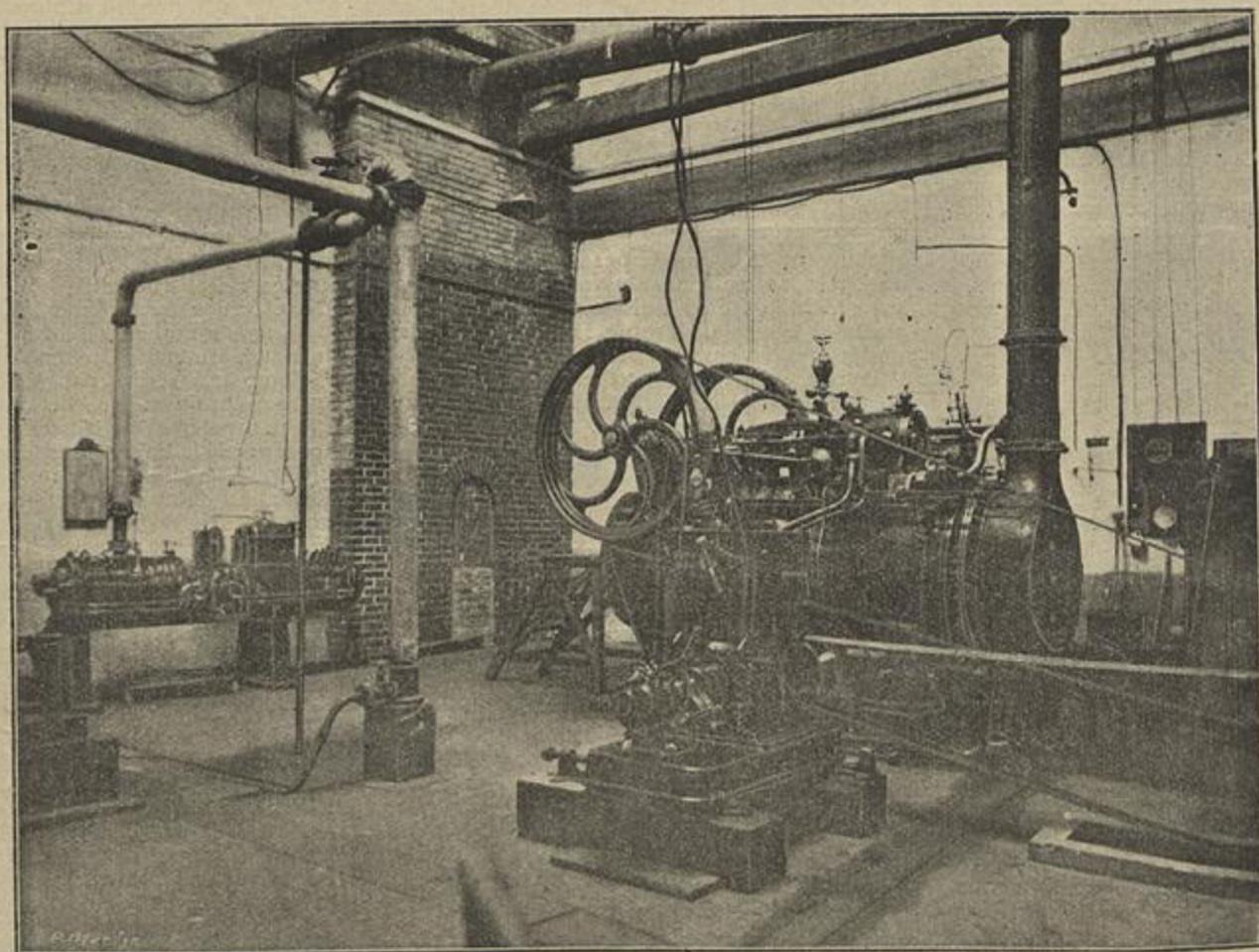
Machina dynamo-electrica de Parson, excitada em derivação, de 120 ampères e 150 volts ou 18:000 watts. É movida directamente por uma turbina de vapor, montada no mesmo eixo: deve fazer 9:000 voltas por minuto. Não tem dado mais de 100 ampères de intensidade de corrente.

Batteria de accumuladores de 55 elementos, de 600 ampères-horas de capacidade. São carregados pelos dynamos de Edison e de Parson. O regimen da carga é de 60 ampères e potencial variavel de

VISTA DE PARTE DA CIDADE E PORTO DE LOURENÇO MARQUES

(Copia de photographia)

O Real Theatro de S. Carlos

Machina de vapor de Marshall Sons & C.ª de 50 cavallos e dynamo Siemens de 36 kilowatts

Machina de vapor de Marshall Sons & C.ª de 100 cavallos e dynamo Siemens de 72 kilowatts

Turbina a vapor e dynamo Parsón de 18 kilowatts

Machina de vapor Weyer & Richmond de 18 cavallos e dynamo Edison de 16,6 kilowatts

CASA DAS MACHINAS DO SERVIÇO DE ILLUMINAÇÃO ELECTRICA

115 a 150 volts. O regimen maximo de descarga é de 60 ampères e 105 volts. São precisas 9 horas de trabalho para se carregarem Estão em mau estado, de modo que o rendimento não passa de 60 %.

Para accionar estes dynamos havia os seguintes motores:

Machina de vapor de Marshall & Son's, de 50 cavallos, systema Compound, com caldeira tubular do genero das locomotivas (esta caldeira está arruinada).

Machina de vapor, de 100 cavallos, do mesmo systema da anterior.

Machina de vapor de Weyer & Richmond, de 18 cavallos, semi-fixa, com caldeira tubular amovivel.

Turbina a vapor de Parson, de 20 cavallos; está montada com o respectivo dynamo, como já ficou dito.

Além das caldeiras pertencentes ás machinas acima mencionadas, havia dois geradores de vapor, de Belleville, tendo cada um 7 elementos vaporisadores de 17 tubos cada um, funccionando a 10 atmospheras, podendo attingir 15 atmospheras, com alimentação automatica, feita por duas pequenas machinas de vapor (burrinhos).

Os geradores, machinas de vapor e dynamos estavam installados na rua Serpa Pinto, defronte do theatro de S. Carlos, em edificio pertencente ao Estado, nos terrenos do extincto convento de S. Francisco, contiguos ao edificio do governo civil. Os accumuladores estavam installados no barracão annexo ao edificio do theatro, do lado do Sul.

A distribuição das correntes electricas fazia-se do seguinte modo:

As correntes sahindo dos *bornes positivos* dos geradores de electricidade, dirigiam-se a uma *barra de ligação* de cobre, onde todas se juntavam, correndo depois pelos diversos ramaes ou circuitos conductores de fio de cobre isolado, atravessando as lampadas e outros receptores, e, voltando, passavam no *quadro de distribuição*, installado na frisa sobre o palco do lado esquerdo, atravessando os instrumentos de medida e diversos commutadores, separando-se então e voltando aos respectivos geradores, entrando ahi pelos *bornes negativos*.

No quadro distribuidor existiam voltmetros, electrometros, para medir o potencial e intensidade das correntes, reductores de potencial, commutadores, etc.

Pelo que fica dito, vê-se que a força motriz attingia com as diversas machinas de vapor 188 cavallos, e a potencia electrica (energia electrica por segundo), elevar-se-hia a 138:360 watts, se os dynamos estivessem todos nas melhores condições, o que, como dissemos, não succede.

Para dar idéa da energia electrica dispendida no theatro de S. Carlos, em uma noite de maior consumo, tomaremos para exemplo o que se gastou na noite de gala de 2 de janeiro de 1900, em que trabalharam as machinas electricas e os accumuladores; eis uma nota dos principaes elementos:

Força electro-motriz ou differença de potencial = 105 volts.

	Intensidade de corrente utilisada, em ampères	Numero de horas de trabalho	Numero de ampères-horas	Energia gasta em watt's por hora
Dynamo Siemens n.º 1	200	4	800	84000
Dynamo Siemens n.º 2	320	5,5	1760	184800
Dynamo Edison	70 a 80	11	5×70=350 6×80=480	87150
Dynamo Parson	96	6	576	60480
Accumuladores	15	2	30	3150

A energia total despendida com a illuminação electrica n'esta recita foi pois de 419:580 watts-horas.

Todo o material dos serviços electricos pertence ao Estado, que concede o usofructo á empreza, sendo esta obrigada a pagar o custeio. A empreza pagava, n'esta epocha, por noite de recita ao encarregado d'aquellles serviços 45:000 réis, sendo porém obrigado a fornecer gratuitamente a luz para os ensaios.

Vê-se que na mencionada recita, custando réis 45$000 a energia electrica de 419:580 watt's-horas, ficou o kilowatt ao preço de 107 réis, o que é um custo muito moderado, e no qual se comprehendem todas as despezas com pessoal, carvão para as machinas de vapor, etc. Posteriormente, tendo subido muito o preço do carvão de pedra, a empreza elevou a 53$000 réis o preço da illuminação em cada recita.

Diriga, e dirige ainda, os serviços electricos no Real Theatro de S. Carlos, o habil electricista, e conductor de obras publicas, Antonio Pinto Bastos Junior.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

A meteorologia em Lisboa

Dias em que o thermometro accusou minimos de 5°

1880-1901

(Continuado do n.º 836)

Dia	Mez	Min.	Dia	Mez	Min.	Dia	Mez	Min.	Dia	Mez	Min.
1879—1880											
1	*Janeiro*	Min.: 4°,0 —	2	*Janeiro*	Min.: 3°,1 —	5	*Janeiro*	Min.: 3°,2 —	6	*Janeiro*	Min.: 4°,2
7	»	» 3°,2 —	9	»	» 3°,2 —	10	»	» 2°,7 —	11	»	» 4°,3
12	»	» 4°,4 —	13	»	» 3°,4 —	14	»	» 5°,0 —	24	»	» 3°,8
25	»	» 5°,0 —	26	»	» 5°,0						
1880—1881											
7	*Dezembro*	Min.: 4°,9 —	12	*Dezembro*	Min.: 3°,4 —	14	*Dezembro*	Min.: 3°,7 —	15	*Dezembro*	Min.: 5°,0
20	»	» 4°,5 —	1	*Janeiro*	» 5°,0 —	2	*Janeiro*	» 4°,0 —	3	*Janeiro*	» 2°,1
4	*Janeiro*	» 2°,4 —	23	»	» 5°,0						
1881—1882											
30	*Novembro*	Min.: 4°,5 —	15	*Dezembro*	Min.: 3°,1 —	26	*Dezembro*	Min.: 4°,7 —	27	*Dezembro*	Min.: 3°,0
28	*Dezembro*	» 5°,0 —	29	»	» 5°,0 —	30	»	» 2°,5 —	31	»	» 2°,1
2	*Janeiro*	» 3°,9 —	13	*Janeiro*	» 5°,0 —	15	*Janeiro*	» 5°,0 —	25	*Janeiro*	» 4°,3
6	*Fevereiro*	» 4°,3 —	7	*Fevereiro*	» 4°,8 —	8	*Fevereiro*	» 5°,0 —	9	*Fexereiro*	» 4°,0
1882—1883											
3	*Dezembro*	Min.: 5°,0 —	8	*Dezembro*	Min.: 3°,9 —	9	*Dezembro*	Min.: 4°,2 —	26	*Dezembro*	Min.: 4°,2
27	»	» 3°,5 —	5	*Janeiro*	» 4°,6 —	19	*Janeiro*	» 4°,8 —	20	*Janeiro*	» 4°,0
4	*Fevereiro*	» 4°,7 —	5	*Fevereiro*	» 3°,8 —	6	*Março*	» 5°,0 —	8	*Março*	» 5°,0
9	*Março*	» 4°,1 —	10	*Março*	» 2°,4 —	11	»	» 3°,9 —	12	»	» 3°,9
1883—1884											
8	*Dezembro*	Min.: 2°,4 —	9	*Dezembro*	Miu.: 1°,6 —	10	*Dezombro*	Min.: 5°,0 —	15	*Dezembro*	Min.: 4°,9
18	»	» 3°,8 —	19	»	» 3°,4 —	20	»	» 4°,6 —	29	»	» 3°,3
31	»	» 3°,9 —	17	*Janeiro*	» 3°,7 —	18	*Janeiro*	» 1°,7 —	19	*Janeiro*	» 3°,2
20	*Janeiro*	» 0°,2 —	21	»	» 3°,7 —	22	»	» 3°,5 —	3	*Fevereiro*	» 4°,4
4	*Fevereiro*	» 5°,0 —	26	*Fevereiro*	» 4°,7 —						
1884—1885											
21	*Novembro*	Min.: 3°,8 —	23	*Novembro*	Min.: 5°,0 —	24	*Novembro*	Min.: 1°,8 —	25	*Novembro*	Min.: 1°,9
26	»	» 3°,1 —	27	»	» 4°,4 —	6	*Dezembro*	» 2°,0 —	14	*Dezembro*	» 4°,5
15	*Dezembro*	» 4°,2 —	25	*Dezembro*	» 5°,0 —	26	»	» 4°,0 —	27	»	» 2°,4
1	*Janeiro*	» 4°,6 —	2	*Janeiro*	» 3°,5 —	8	*Janeiro*	» 3°,0 —	15	*Jaueiro*	» 3°,4
16	»	» 0°,8 —	17	»	» 0°,1 —	18	»	» 2°,5 —	19	»	» 4°,8
19	*Março*	» 5°,0 —									
1885—1886											
10	*Novembro*	Min.: 4°,5 —	14	*Dezembro*	Min.: 4°,9 —	8	*Dezembro*	Min.: 3°,6 —	29	*Dezembro*	Min.: 4°,5
3	*Janeirõ*	» 4°,4 —	8	*Janeiro*	» 4°,1 —	9	*Janeiro*	» 2°,4 —	13	*Janeiro*	» 4°,3
27	»	» 3°,6 —	8	*Fevereiro*	» 2°,8 —	9	*Fevereiro*	» 1°,4 —	13	*Fevereiro*	» 4°,2
1886—1887											
19	*Novembro*	Min.: 5°,0 —	21	*Dezembro*	Min.: 4°,2 —	22	*Dezembro*	Min.: 2°,0 —	28	*Dezembro*	Min.: 5°,0
1	*Janeiro*	» 1°,9 —	2	*Janeiro*	» 0°,5 —	3	*Janeiro*	» 0°,3 —	15	*Janeiro*	» 5°,0
19	»	» 5°,0 —	3	*Fevereiro*	» 3°,0 —	9	*Fevereiro*	» 4°,7 —	10	*Fevereiro*	» 4°,4
11	*Fevereiro*	» 3°,1 —	12	»	» 0°,5 —	13	»	» 1°,6 —	15	»	» 4°,8
16	»	» 2°,3 —	17	»	» 4°,2 —	18	»	» 3°,7 —	16	*Março*	» 5°,0
17	*Março*	» 4°,2 —	3	*Abril*	» 4°,7 —						

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

A ARTE PORTUGUEZA

Que tristeza infunde, ao pensar no vasto e riquissimo quadro retrospectivo da nossa arte nacional, nos seus multiplices e variados aspectos, a falta imperdoavel da sua historia systematica e ordenada, o desleixo criminoso que deixou no olvido eterno tantos nomes gloriosos, e abandonadas a constantes vandalismos tantas obras primas do engenho artistico!

Que bellas paginas poderiamos relêr, com gostoso envaidecimento, em que se relatassem os inicios das artes portuguezas, desde as tão caracteristicas e notaveis industrias artisticas, a ceramica, a ourivesaria, a talha, a marcenaria, etc., até ás elevadas concepções da architectura, da esculptura, da pintura e da musica! Que delicioso seria podermos, a exemplo do que em outros paizes acontece, saber a historia d'essas origens da arte; vermos detidamente estudadas as influencias extrangeiras no espirito e no gosto nacional; sabermos com minucia a vida e o nome d'esses obreiros sublimes, cujo acendrado engenho fez erguer as soberbas moles de pedra esculpturada nos elevados arcos ogivaes, nas abobadas arrojadas, nos formosos rendilhados dos claustros e na finissima estatuaria das sepulturas!

Como nos seria grato poder attribuir de uma maneira positiva, livre de duvidas que envergonham, a paternidade d'esses soberbos monumentos, que ainda hoje causam o assombro do mundo civilizado e constituem, no seu conjuncto, essa maravilha de todas as artes, a que conseguimos, ao menos, ligar o nome de Renascença *Manuelina!*

Infelizmente, porém, a historia da arte nacional, apesar das diligencias sinceras e dedicadas de alguns trabalhadores indefessos, ficou por fazer.

A perda dos elementos em que tal historia poderia fundar-se, fazem com que, em materia artistica, apenas se conheçam vagos indicios, supposições, duvidas contestadas, ácerca dos mais importantes factos da arte portugueza.

O estudo das influencias extrangeiras dos Van Eick, dos Memling, de Christovão de Utrecht, de Metsys e de outros, que trouxeram á Portugal o influxo da grande corrente artistica da Flandres e da Allemanha; a historia da educação artistica dos nossos artistas pintores, illuminadores e outros que iam a extranhas terras estudar de *visu* os progressos maravilhosos das artes, realizados sob o influxo e patrocinio de faustosas e regias personagens; a noticia da introducção dos processos e desenhos architectonicos pelos extrangeiros, como João de Ruão, os Castilhos, Jacome de Bruges, Andréa Contucci, Filippe Tercio e tantissimos outros, tudo isto constituiria assumpto de

interessantissimos estudos, cuja concatenação poderia e deveria estimular o espirito tradicional da arte patria e o seu culto, nos variados ramos de que ella se compõe.

Os museus de archeologia artistica e de arte nacional offerecem-nos o mesmo desolador espectaculo de incuria e de ignorancia; os catalogos respectivos são em geral deficientes, laconicos, sem coordenação ou criterio que possa orientar os estudiosos; poucos, quasi sempre fechados, representam apenas depositos de preciosidades de incalculavel valia, onde nem mesmo escapam, por vezes, ás mutilações horrendas que lhes infligem desastrados e ineptos restauradores.

Ha, por toda a parte, constantemente, o mais supremo desprezo do publico, de corporações administrativas e dos proprios governos, por tudo quanto represente a conservação da nossa historia artistica, dos nossos monumentos; de tudo quanto signifique um resto d'esses maravilhosos trabalhos dos nossos antepassados.

Derruba-se o historico edificio, onde, por seculos, jazeram e d'onde, por ventura, foram arrancados para o monturo, os restos de Camões; arrancam-se preciosas telas ainda susceptiveis de restauro; deturpam-se com enxertos inestheticos os mais formosos edificios. E, d'entre este descaroavel abandono, só avultam os trabalhos pacientes, laboriosos e humildes de alguns investigadores do passado que, á custa de inauditos esforços, luctando contra a indifferença, sem editores nem leitores, gastando as forças e a vida nos poeirentos e escuros archivos, vão amontoando preciosos materiaes, desencantados documento por documento, para sobre elles se reconstituir mais tarde, tanto quanto fôr possivel, a historia do nosso glorioso passado artistico.

E, a par, como contraste á indifferença dos nacionaes, vemos emeritos e dedicados cultores da arte, eruditos, estudiosos, sabedores como James Murphy, Raczynski, Emilio Hubner, Varnhagem, Albrecht Haupt e outros, vindos dos paizes onde a civilização attingiu o mais elevado grau, prestarem ás nossas preciosidades archeologicas e artisticas um estudo attento e minucioso, estamparem livros soberbos pela sua orientação e criterio (comquanto deficientes, por vezes, pela falta das bases historicas, que nós não podemos nem sabemos subministrar-lhes), e apregoarem pela Europa a fama das bellezas artisticas de Portugal.

Março, 1902.

Victor Ribeiro.

O FRASCO DE PRATA

POR

Eugène Berthoud

(Continuado do numere antecedente)

V

UM JANTAR DE EXEQUIAS

Estava Lord Weymonth muito apprehensivo para perceber a perturbação de Octavio; e d'ahi, os criados, que n'esse momento entraram com a mesa já posta, distrahiram-os de seus pensamentos.

Muito embora os dois convivas se esforçassem visivelmente por parecer alegres, o jantar principiou triste e silenciosamente Mas, pouco a pouco, com a influencia do calor e dos vinhos generosos, as frontes alumiaram-se, o mal-estar desappareceu e deu logar á mais viva cordealidade.

Octavio sobretudo, cujo principal defeito era o muito orgulho, temendo não fosse essa tristeza interpretada como saudade da vida, depressa reassumiu seu feitio trocista. Por isso, mal sahiram os criados e o ponche se poz a dançar na terrina de prata, quando os charutos estenderam sua teia azul por sobre as cabeças dos dois futuros suicidados, Lord Weymouth levantou-se e, apertando uma das mãos do Conde e tocando com o copo no d'elle, levantou-lhe este brinde:

— A' nossa amizade!

— A' nossa amizade! repetiu Octavio. Para que dure até á morte!

— Pouco teria que durar, disse o inglez sorrindo-se. Assim possa prolongar-se para lá.

Esvasiados os copos, tornaram a sentar-se.

— E agora, Conde, disse Lord Weymonth, conte-nos, se não fôr segredo, porque é que desejava matar-se.

— Em poucas palavras aqui tem, querido Lord. Mato-me, porque sou o mais feliz dos homens.

— Acho o motivo insufficiente.

— Pois é o unico verdadeiro. Não ha nada mais aborrecido do que a felicidade constante, insolente, nunca vista, que, desde ha vinte annos, uma só vez me não deixou ficar mal. Viver mais tempo seria da minha parte um acto de improbidade.

— Como?

— Decerto Abale eu, e logo a felicidade, que me é carraça, agarrar-se ha a outro ou outros que debalde a chamam ha quanto tempo! Cada hora de minha existencia é um roubo a pobres diabos...

Lord Weymouth desatou a rir.

— Fale a serio, disse. Porque é que se mata?

— Pois a serio é que falo, continuou Octavio. Não deve ser ter-se uma felicidade assim; tarde ou cedo, hei de pagal-o e prevejo no meu futuro catastrophes horrorosas. E ora aqui tem, deu-me o medo e fujo.

— Ora vamos! disse Lord Weymouth, veja bem. Ha de ter qualquer espinho contra o destino.

— Nem meio! respondeu o Conde. A não ser o desatino de me haver feito nascer, desatino que é contrasenso visto que eu tenho de morrer, contra o excellente destino que mais havia de ter? Podia ter feito de mim um filho de trapeiro ou de forçado, e em vez d'isso fui saudado ao ver o primeiro raio de sol como ultima vergontea d'uma das mais nobres e opulentas familias de França... Podia ter nascido enfesado, feio, estupido e máo... tenho uma saude de ferro e um physico apresentavel, o espirito sufficiente para avaliar o dos outros, e um coração aberto para quanto é bom, verdadeiro ou bello.

— Adivinho então, disse Lord Weymouth. Algum desgosto formidavel...

— Qual! tornou Octavio. Desgostos só os conheço por ouvir fallar. A morte de minha mãe, unica desgraça que nos fere sem excepção, deixou-me impassivel... Era tão pequeno, quando isso foi, que nem me lembra.

— Alguma decepção talvez...

— Nunca. Nunca tive illusões, isto é a anciedade de exigir do amor ou da amizade mais do que o que nos podem offerecer esses dois sentimentos.

— Então querido Conde só vejo mais uma razão: está farto.

— Tambem não... Mas a verdade é que me faz susto lembrar-me de que venha o aborrecimento com a saciedade. A minha existencia foi uma festa explendida. Não tive desejo que não o satisfizesse, vontade que lhe visse um obstaculo... Não é para fartar um homem de bem? Aqui tem um exemplo entre mil da minha sorte implacavel. Arruinei-me tres vezes e tres vezes heranças enormes me cahiram do céo mesmo a ponto. A ultima, para ainda mais me exasperar, foi a maior. Desabaram-me em casa seiscentos mil francos!

— Trinta mil francos de rendimento, commentou Lord Weymouth.

— Exactamente. Agora, meu amigo, disse eu ao espiritosinho que evidentemente me persegue com seus favores, agora isto já não tem graça! Acceito ainda uma vez este novo contracto, mas por amor de Deus, acabamos com isto. A sorte é mulher e portanto perfida como as ondas; tanto podia girar, que me eu arrependesse amargamente de o haver por demais tentado. Usemos; não abusemos, lá diz a sabedoria das nações... E depois, estou-me fazendo velho; as noitadas dão cabo de mim, a Opera já não posso com ella; ha já dias em que me não divirto... D'aqui a dez annos sou velhote e ando de camisola de flanella. . Vamos! mais uma valsa delirante e toca a sahir do baile antes que as flores murchem, que as mulheres comecem a bocejar e as velas a apagar-se!

— Meu caro, interrompeu Lord Weymouth, isso é doença de cerebro de que ha muitos casos lá pelas nossas terras. Chama-se a isso *Spleen*. O que está é horrivelmente farto, meu caro Conde.

— Eu farto! Deixe-se d'isso. Só se está farto até aos vinte annos. É enfermidade de menino bacharel. Dividi em duas partes os meus seiscentos mil francos e jurei a mim mesmo que dentro de dois annos havia de dar cabo d'elles até ás ultimas migalhas, depois do que, iria ter com meus avós. Ora os dois annos acabaram antes d'hontem e ás oito horas da noite o meu banqueiro entrava-me no quarto e declarava-me, sem mais preambulos, que da famosa herança nem um escudo restava para pôr ao sol.

— Estava arruinado!

— Adoravelmente arruinado. Casa, coupons, propriedades, acções de caminhos de ferro... tudo desfeito em fumo!

— E então que fez?

— Esfreguei contentissimo as mãos.

A felicidade frustrara-se emfim, ia provar a desgraça! Percebe?... Para o presente, Clichy e uma linda miseria em perspectiva! Estava senhor da posição!

— Não me atrevo a dar-lhe os parabens.

— Mas admire o azar! Quando o meu banqueiro sahia por uma porta, entrava pela outra o meu criado trazendo-me sorridente n'uma bandeja de prata uma carta quadrada, muito gorda, cuja só vista me perturbou. A uma legua cheirava a procurador.

— Ah! Ah! disse lord Weymouth, a herança numero quatro!

— Quasi, quasi! Um meu primo muito afastado, desconhecido, de profissão nababo segundo parece, devorado por milhões, morreu nas Indias orientaes sem posteridade averiguada. Por que milagre no leito da morte pensou elle em mim, que nunca me lembrei de pensar n'elle? Qualquer buscaria explicar o caso. Eu não. Disse logo comigo: questão de sorte! O caso é que o desgraçado me nomeava seu unico herdeiro; mas com uma condição, condição tão fóra dos eixos, extraordinaria, fantastica e nauseabunda, que, durante um quarto d'hora, rebolei nas mais convulsas gargalhadas!

— Que condição era?

— Que me casasse com a viuva. O desgraçado, desmoralisado provavelmente pelos vaudevilles do sr. Scribe, suppoz naturalmente que o hymeneo cá na vida real se perpreta como no Gymnasio. Depois de rir mais que abundantemente, saltei da cama e escrevi ao procurador mandando o polidamente para casa do diabo, elle e mais as rupias e mais a carcassa da velha.

— Velha!... Porque diz isso?

— O meu primo tinha setenta e tres annos. Dou-lhe cincoenta á mulher, e é ser generoso. Emfim, vinte e quatro horas depois d'esta brincadeira de mau gosto, foi que o mylord me encontrou, prompto a deixar o mundo, este alegre cantinho que os poetas, chorões eternos, teimam em chamar valle de lagrimas.

Octavio calou-se e encheu o copo.

— Mais nada? perguntou o inglez.

— Nada mais.

— Pois, meu caro amigo, disse Lord Weymouth, deixe-me dizer-lhe uma coisa

— Diga.

— É que não tem senso commum.

— Não tenho, não.

— Oiça, continuou o inglez, embora eu tenha mais uns dez ou doze annos, não vou assumir ares paternaes para o desviar da sua resolução. Era inutil e ridiculo, sei-o. Não lhe direi que vai commetter um crime, pois que eu tambem quero commettel-o. Mas deixe-me fazer-lhe uma pergunta: Antes de dizer adeus á vida, olhou bem em torno de si? Não tem pessoa alguma a quem deva protecção, auxilio ou amor?

(Continua)

METEOROLOGIA

Março de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
21	759,6	14,7– 9,7	Nublado	WSW	0,1
22	759,1	13,1– 8,3	»	WNW	2,0
23	762,9	13,1– 8,2	»	»	1,3
24	768,5	14,0– 8,1	»	N	0,2
25	770,0	15,6– 9,0	P. Nublado	NNE	0,0
26	770,7	18,5– 9,8	Alg. nuvens	»	0,0
27	770,3	22,8–12,6	»	»	0,0
28	768,6	22,3–13,2	P. Nublado	»	0,0
29	767,2	24,5–15,5	Alg. nuvens	»	0,0
30	766,4	27,0–15,9	»	»	0,0

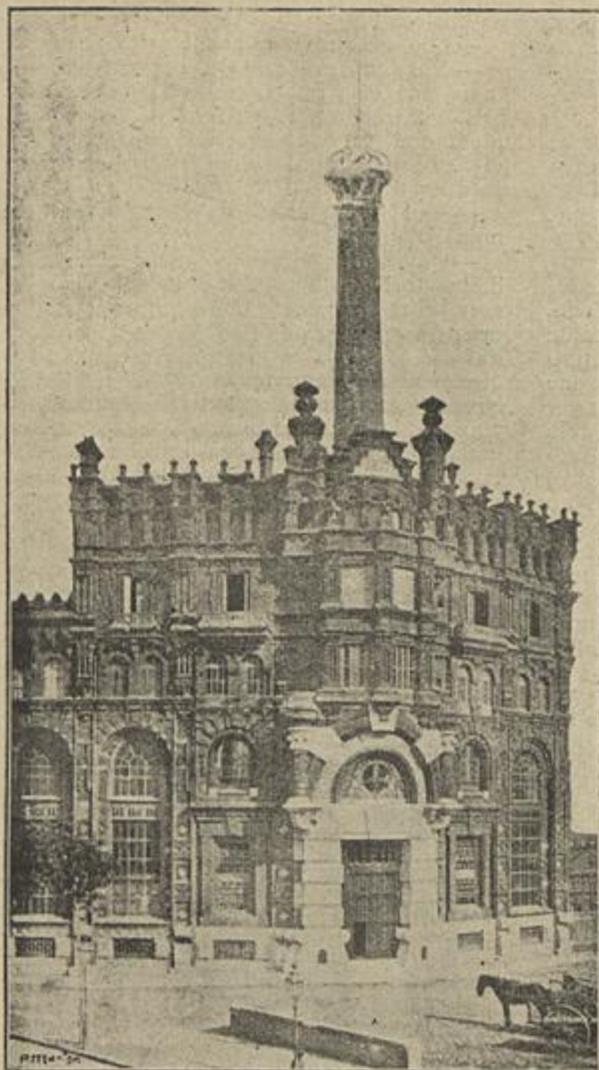
CHRONICA METEOROLOGICA

Uma alta thermometrica importantissima foi notada a partir de 24 de Março, elevando-se a temperatura, em 30, em Lisboa, a 27°, uma das mais elevadas temperaturas registadas n'este mez. Se exceptuarmos o anno de 1897, em que, no dia 27 de março, o thermometro accusou 28°,3, é a temperatura de 27°, registada em 30 de Março de 1902, a mais alta observada n'este mez.

Em todo o reino, altas temperaturas foram egualmente notadas, principalmente em Lagos, onde o thermometro accusou 28°, nos dias 28, 29 e 30. — No Funchal, tambem se regisfou 26°, em 29 e 30.

FABRICA DE ELECTRICIDADE «LA CATALANA»

NECROLOGIA

CECIL RHODES

A morte de Cecil Rhodes, succedida em 26 do corrente, deve ter produzido na Africa do Sul uma indescriptivel emoção, attentas as circumstancias que tão celebrado tornaram o seu nome não só alli como em toda a Europa.

A este homem de uma extraordinaria iniciativa e felicidade pertence a triste gloria de haver concorrido immensamente para a sangrenta lucta que ha tanto tempo se travou no sul da Africa, entre as republicas do Transvaal e do Orange e a poderosa Inglaterra.

Os ultimos desastres soffridos por esta potencia, e nos quaes o commandante boer Delarey aprisionou o general inglez Methuen, tão gentilmente solto depois pelo vencedor, e a morte do principal instigador da guerra, não terão contribuido pouco para a paz que se annuncia imminente, graças aos trabalhos da missão boer, presidida por Schalk Burgher, junto do generalissimo lord Kitchener.

Todavia a divergencia de condições propostas: rendição total ou independencia absoluta, não permitte esperança segura sobre o resultado. Entretanto a guerra continua vigorosamente, havendo de parte a parte verdadeira heroicidade.

Isto posto, dediquemos á biographia de Rhodes a devida attenção, porque ella é um ensinamento do quanto podem o trabalho intelligente e a ambição desmedida, que distinguiram esse homem extraordinario, incensado por uns e execrado por outros. Ante a campa que se fechou só a verdade se deve proclamar. As paixões que vão além do tumulo não honram ninguem, senão chegar se-hia a bemdizer o desenlace que parece apressar a proclamação da paz.

Cecil John Rhodes nasceu em Londres em 1853. Era filho d'um modesto sacerdote Francis W. Rhodes. Em 1870 tinha partido para a Africa do Sul a procurar allivios á sua saude muito enfraquecida com o clima da Grã-Bretanha. Chegado á Africa foi habitar Kimberley, a riquissima cidade dos brilhantes. A felicidade protegeu-o, conseguindo restabelecer-se completamente e alcançar uma das maiores fortunas sul-africanas, adquiridas em Kimberley, nas differentes emprezas mineiras, em que empregou a sua enorme actividade.

Rhodes foi o organisador da grande companhia ingleza «Chartered Company of British South Africa», que elle dominava.

CECIL RHODES

FALLECIDO EM 26 DO CORRENTE

Tendo grangeado a fortuna material, começou Cecil Rhodes a querer tambem occupar o primeiro posto na politica sul-africana. D'ahi a sua rivalidade com Kruger, cuja posição social desejou destruir, offerecendo os seus serviços ao governo inglez e aconselhando este a fazer a occupação de todos os territorios indigenas que envolviam as fronteiras leste e norte do Transvaal, como ponto de partida para a expansão da soberania ingleza, desde o Cabo até ao Zambeze, e annexação definitiva da republica sul-africana.

Foi no seguimento d'este plano que se originou o protesto do governo portuguez em 1889 e o *ultimatum*, perante o qual abdicou os seus direitos o nosso paiz e Portugal perdeu a esperança de vêr ligadas as duas costas africanas pelo preceito do *interland*. Este triumpho do ambicioso millionario não pode tornar a seu nome sympathico aos portuguezes, mas não podiamos deixar de consignar a sua morte como um acontecimento a que historia se encarregará de arbitrar o valor.

Na historia moderna poucos nomes terão despertado tanta antipathia como o de Cecil Rhodes, entretanto o seu ideal não deixa de ser grandioso tendo por fim a illustração da sua raça como prova pelo seguinte facto.

Cecil Rhodes deixa uma fortuna calculada em mais de sessenta mil contos e dispõe em seu testamento que ella seja applicada á fundação de institutos de ensino, incluindo universidades em todas as grandes colonias inglezas, como melhor meio de engrandecer o imperio britanico.